

SUPERAVIT ■ Ministro ressaltou que alta no PIB pode ser maior que a inflação no ano

Economia - Brasil

Guido Mantega diz que meta fiscal de 4,25% é ambiciosa

12 JUL 2006

JORNAL DO BRASIL

Fernando Nakagawa

■ BRASÍLIA. O ministro da Fazenda, Guido Mantega, disse ontem em reunião ministerial que o Brasil passa por período econômico virtuoso inédito na história recente. Aos demais ministros e ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, detalhou números que apontam para o crescimento da economia e aprovei-

tou para reforçar que a responsabilidade fiscal não foi esquecida. Chegou a afirmar, inclusive, que a meta de superavit primário (economia para pagamento de juros) de 4,25% é ambiciosa demais.

— Temos um cenário inédito em termo de política econômica, com a combinação de vários fatores pontuais — disse logo após a reunião.

Mantega observou que o Brasil está crescendo sem que a inflação seja motivo de preocupação para os analistas. Também citou que “talvez pela primeira vez” a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) pode ser maior que a inflação no ano.

Os números do relatório de mercado produzido pelo Banco Central em 7 de julho, no entan-

to, ainda mostram cenário diferente. Para 2006, o mercado espera inflação acumulada no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 3,81%. Já para a expansão do PIB, a aposta é de 3,60%.

O principal ponto do discurso de Mantega, porém, foi a responsabilidade fiscal. Repetindo frases ditas quase diariamente, o ministro declarou que o aperto fiscal continua, e que o ano eleitoral não vai influenciar o cumprimento da meta de 4,25% do PIB para o superavit primário — economia feita para o pagamento de juros da dívida.

— Estamos conseguindo al-

cançar as metas de superavit fiscal, o que não é fácil porque a meta de 4,25% é ambiciosa — informou.

Em 2006, essa economia deve somar cifra entre R\$ 80 bilhões e R\$ 90 bilhões. Mantega lembrou que dados do BC revelam que, nos 12 meses encerrados em maio, o setor público consolidado teve superavit de 4,51%.

— A meta está sendo conseguida e ampliamos programas sociais. Quando se faz ajuste fiscal, com redução de gastos e investimentos, desativa programas sociais. Mas temos uma combinação virtuosa.